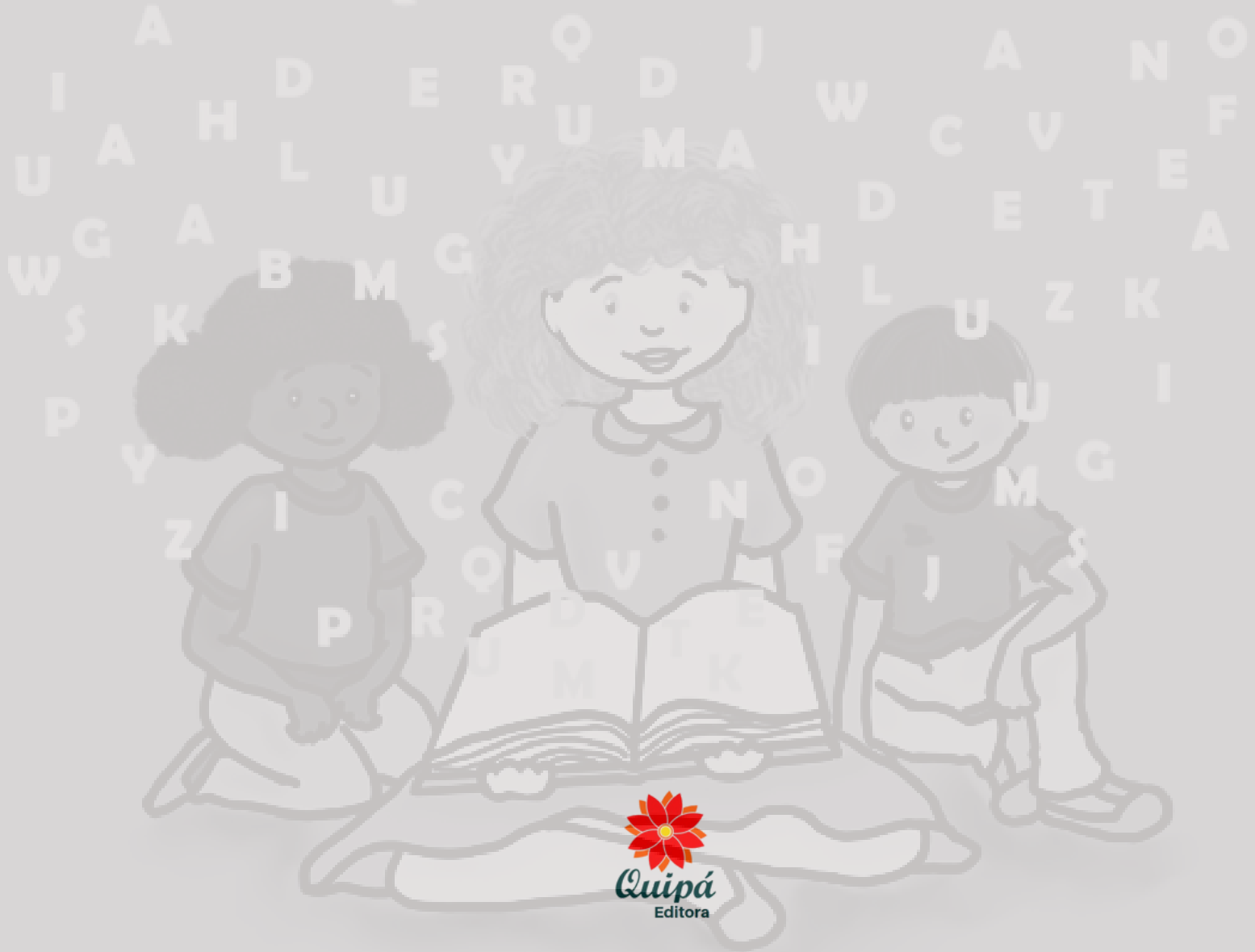


CADA NOME, UMA HISTÓRIA. QUAL É A SUA?



CADA NOME, UMA HISTÓRIA.
QUAL É A SUA?



Geisa Martins Nogueira Costa

**Cada nome,
uma história.
Qual é a sua?**

1ª Edição

Quipá Editora
2023

©2023 por Geisa Martins Nogueira Costa. Todos os direitos reservados.

Ilustrações: Lilian Siqueira e Angelico

Projeto Gráfico e Diagramação:
Departamento de arte, Quipá Editora

O conteúdo desta obra é de responsabilidade da autora,
proprietária do Direito Autoral. Quipá Editora, março de 2023.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C837c Costa, Geisa Martins Nogueira

Cada nome, uma história. Qual é a sua? / Geisa Martins Nogueira Costa.
— Iguatu, CE : Quipá Editora, 2023.

38 p. : il.

ISBN 978-65-5376-131-5

1. Literatura infantojuvenil. 2. Educação. 3. Inclusão. I. Título.

CDD 028.5

Elaborada por Rosana de Vasconcelos Sousa — CRB-3/1409

Quipá Editora
www.quipaeditora.com.br
@quipaeditora

Agradecimento

Agradeço imensamente as educadoras participantes do estudo pela acolhida no campo da pesquisa, e devido a isso, obtivemos partilhas de aprendizados tão profícuos.

Ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Científica, Inclusão e Diversidade, vinculado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) – Campus Cetens – Feira de Santana.

Endereço meus agradecimentos, também, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), pelo financiamento destinado à minha pesquisa.

Meus sinceros agradecimentos, ao meu esposo, Frederico Costa e a minha amada filha, Isabella Costa, pelo apoio, força e amor a mim empreendidos. E a minha querida orientadora Maricleide Pereira de Lima Mendes, por ter me guiado carinhosamente nessa empreitada, apostando em mim e fazendo-me acreditar que os meus sonhos podem virar realidade.

Prefácio

Escrevo esse prefácio como quem escreve uma linda carta a uma amiga de fé, pois, prestigiar uma obra literária, destinada a ser um paradidático que discute as questões das minorias, é como um deleite numa tarde de sol, sentindo a brisa do vento, ouvindo o canto dos pássaros e um barulhinho bem rasteiro de carros. Aqui, num interior bem distante, porém, belíssimo de paisagens naturais, esses escritos me fazem recordar a coragem dos povos indígenas em proteger suas terras, na bravura por guerrear contra o invasor e da força do negro em sacrificar sua mão de obra para a construção das nossas cidades, igrejas, ruas etc.

Essas questões, certamente, foram motivadoras e revigorantes para a nossa construção do pensamento crítico, como sentimento de reparação e valorização das lutas dos movimentos sociais, até chegarmos no reconhecimento em forma de lei da cultura afro-brasileira e indígena como tema de destaque nos espaços escolares e na sociedade de modo geral. Então, sabemos que não é possível apagar esses povos, ainda que exista uma maré contrária e hegemônica de pensamentos da branquitude, de pessoas cada vez mais racistas e preconceituosas.

Pessoas essas, desinformadas sobre a um termo chamado: igualdade. Certamente, a autora deste livro nos presenteia com essa obra atemporal, nos faz refletir sobre a importância da Educação para as Relações Étnico-Raciais, a partir da chamada da origem e significado dos nossos nomes.

Chego ao final deste prefácio ressaltando meu sentimento de alegria e honra com o convite de Geisa Martins Nogueira Costa e, sobretudo, posso assegurar que este será o primeiro de muitos outros volumes literários da autora, os quais colaboram para construção e reconstrução de novos paradigmas sobre temas relevantes ao cenário educacional.

Assim, peço licença que me despeço desse prefácio, recomendando a leitura dessa obra e, também, deixo meu abraço a essa grande amiga, uma pessoa potente, determinada e batalhadora.

Lorames Bispo da Cruz Santos

Apresentação

Esta obra emerge do ensejo de propor uma educação antirracista. A escrita segue embasada no contexto cronológico legal, pois, em 09 de janeiro de 2003 passou a vigorar a Lei nº 10.639/2003 que altera a Lei nº 9.394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. E ainda destacamos que a Lei nº 11.645/2008 alterou a Lei nº 10.639/2003 trazendo em sua composição a necessidade de estudos sobre a cultura indígena e, evidenciar em seu objetivo existencial, a urgência da reparação histórica de aspectos que tratam sobre a importância do (a) negro (a) para composição da sociedade e dá outras providências em termos de currículo e prática docente para o ensino da EREER.

Dessa maneira, (re)conhecer a história da humanidade pede que (re)conheçamos também o nosso próprio legado ancestral, dessa maneira a centralidade do livro paradidático circunda da necessidade de (re)contar a história de onde viemos, sob a ótica dos africanos e povos originários, esta tem seu início desde a escolha nominativa dos figurantes.

Nesse movimento pensamos que o enredo movido em torno da escolha dos nomes das pessoas é recheado de amor e simbologia. Assim, com a participação de outros educadores este livro ganha vida, luz e cor, para emergir a ancestralidade presente em cada um dos envolvidos.

Trata-se do produto educacional, fruto de uma pesquisa em nível *Stricto Sensu* do Mestrado Profissional em Educação Científica, Inclusão e Diversidade, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, intitulado: “Cada nome, uma história. Qual é a sua?” que foi desenvolvido em uma escola da rede Municipal no município de Feira de Santana e decorre de amplas discussões sobre a temática nos grupos de pesquisa, Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Diversidade - GEPED e Educação, Ludicidade, Formação e Processos Tecnológicos - ELUFOTEC, que são espaços de estudo onde estou inserida. A metodologia empregada é a escrita narrativa contada por crianças que descobrem os significados dos seus nomes e a partir daí, surge a curiosidade de saber mais dos povos que deram origem a seus gentílicos¹. Convido aos leitores para apreciar essa linda história conosco!

¹ Gentílico é o termo relativo ou pertencente a naturalidade ou a nacionalidade. Nome designativo da ligação de alguém relativamente ao lugar (país, região, estado, cidade) onde nasceu, habita ou ao qual pertence. <https://dicionario.priberam.org>. Acesso em 26 de dez 2022.

**Cada nome, uma história.
Qual é a sua?**

Numa tarde de quarta-feira, o dia estava muito lindo e, como de costume, a professora Fernanda planejava sua aula para a turminha do terceiro ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais. Nesse dia, ela dedicou seu tempo de planejamento para os conteúdos de Língua Portuguesa, foi então que, lembrando sobre a diversidade dos nomes dos alunos que tinha em sua turma, resolveu levar para a sala de aula uma reflexão sobre as contribuições da História e Cultura Afro-Brasileira e indígena, a partir da origem dos nomes, ou seja, através dos gentílicos dos alunos. Assim, no dia seguinte, ao chegar à aula, Fernanda colocou em prática seu plano de ação. E tudo aconteceu da seguinte maneira...

— Boa tarde, alunos! Hoje na nossa aula vamos descobrir de onde viemos.



— Alguém sabe qual é a origem do próprio nome?





— Quem aqui já perguntou ao papai ou à mamãe de onde veio à inspiração para a escolha dos nomezinhos de vocês? Será que os nossos nomes são fruto de homenagens a algum familiar?





— Qual de vocês já fez uma pesquisa para saber o significado do nome? Saibam que é muito importante conhecermos quais são as nossas origens.

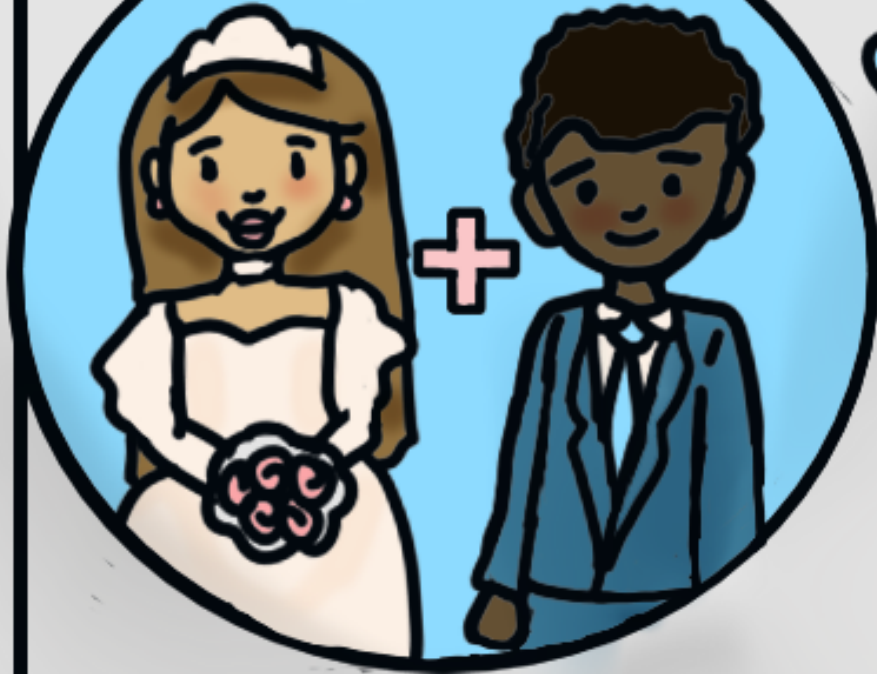
— Venham crianças, sentem aqui pertinho do pró, vamos fazer uma rodinha e eu darei início às descobertas. Estão preparados? Vamos lá!!

Foi então que, numa roda de conversa, a professora iniciou cantando a musiquinha de composição própria e falando o nome de cada aluno presente na rodinha: “o dicionário tem palavras olé, olé, olá... tem o nome da Maria olé, olé, olá”. As crianças ficaram entusiasmadas ao ver seu nome aparecer na canção.

Continuando, a professora apresentou dois livros para demonstrar as culturas africanas e indígenas para seus alunos. Mas, antes mesmo de começar a ler a história, perguntou para eles: O que vocês veem na capa deste livro? Quais as características ou traços desses personagens? Essa história vai falar sobre quais povos? Alguém nessa sala tem os traços que identificamos aqui nesses personagens da capa? Depois disso, a professora Fernanda resolveu fazer a sua autodescrição, isto é, falando um pouco sobre a sua identificação física, portanto, nesse momento, ela se descreveu...



— Olhem para mim, meus amores, sou mulher branca, olhos verdes, cabelos crespos e de tom castanho claro, sou filha de pai negro e mãe não negra, meu nome significa “ousada para atingir a paz” e, tem outro significado também, “viajante corajosa”.



— Meu nome foi escolhido pelo meu pai, ele contava que ao me ver nascer, pensou: que menina corajosa! Eu tenho muito orgulho do meu nome: Fernanda! Já que eu contei um pouco sobre a história do meu nome, agora, eu quero ouvir vocês! Quem escolheu os nomes de vocês. Quem sabe dizer? E o significado, alguém sabe?

As crianças ficaram inquietas! A professora ouvia os burburinhos dos alunos e as conversas entre eles, um querendo saber do outro. Contente com tamanho alvoroço, a professora instigou ainda mais a curiosidade dos estudantes.



— Olha crianças, assim como
você, estou muito curiosa para
saber qual a origem e o significado
dos nomes dos alunos dessa sala.
Quem topa esse desafio?



TAREFA
sobre nome

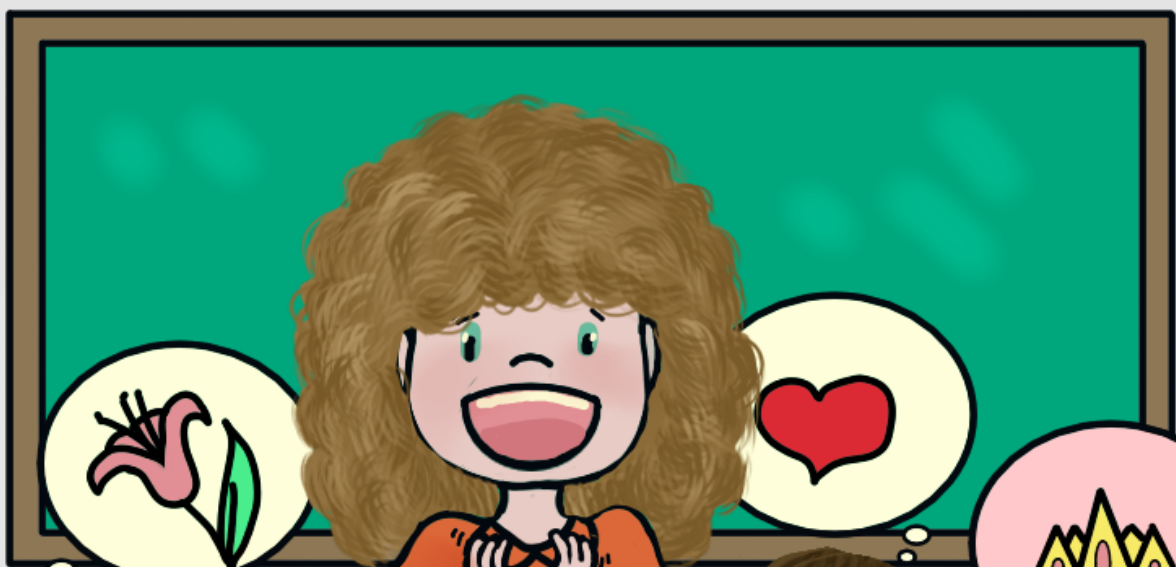
— Então, hoje a tarefa de casa será a seguinte: Quero que todos vocês perguntem aos seus papais, mães ou responsáveis como se deu a escolha dos seus nomes, qual o significado e, assim, todos os detalhes que encontrarem façam os registros e tragam para partilharmos na próxima aula. Combinado?



A proposta da atividade era levar os alunos a um reconhecimento característico de raça, cor, gentílico e, sobretudo, de aceitação, compreendendo-se enquanto negro, índio, branco, mestiço etc., a partir da origem do nome e de certas descrições físicas que fazem semelhança a determinados povos. Todavia, os resultados das buscas, feitas pelas crianças junto aos seus familiares, ultrapassaram as expectativas, e isso, fez com que a professora Fernanda vibrasse.

No dia da apresentação, os relatos trazidos pelos alunos mostravam, de fato, que eles se apropriaram da missão e assim, muitos aprendizados foram construídos, ecoaram variados saberes na turminha do terceiro ano e a socialização aconteceu de modo surpreendente.

io	
0	
7	
14	
3	21
0	28
7	



Todos os dezessete estudantes se empenharam e trouxeram suas histórias para partilhar com o grupo. A turma foi se apresentando e cada estudante trouxe os detalhes sobre como ocorreu às escolhas de seus nomes.

Contudo, dois alunos citaram descobertas ímpares, logo, Ayana e Rudã, trouxeram os seus relatos, e algo fantástico aconteceu!! E, isso não foi só para eles, mas, para todos os que estavam presentes, pois ouviram quando Ayana, disse:



— Sou uma menina negra, tenho cabelos crespos e olhos negros bem vivos, desde muito novinha comecei a pegar os livros na estante da minha casa, e mesmo sem saber ler, já me encantava com as imagens das histórias; passava horas folheando os livros da mamãe e do papai. Minha vó diz que tomei gosto pela leitura cedo, e quando aprendi a ler, não parei mais!



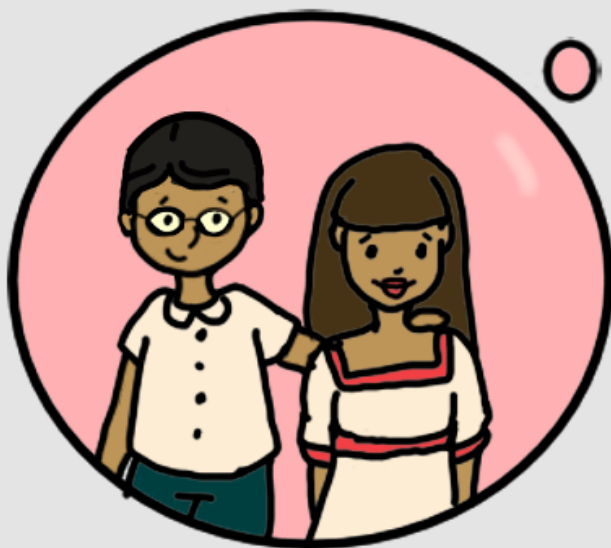
— Meu papai tem a pele bem escura, ele diz que é negro com muito orgulho, mas minha mãe não é negra. Antes, eu ficava um tempão me olhando no espelho e me perguntando: porque não puxei a cor de meu pai e nem a cor de minha mamãe? Porque meus cabelos são assim e não são iguais ao da mamãe? E quando eu crescer, será que vai mudar tudo? Ah, são tantas perguntas que faço para o espelho (Risos). Eu sempre tive vontade de saber mais de minha história (Risos) entender como meu corpo, meu cabelo, tinha tantas misturas, mas isso, não é um problema e sim, uma curiosidade.



Rudã, outro aluno da turma, estava bem inquieto ao ouvir o relato de Ayana e comenta:

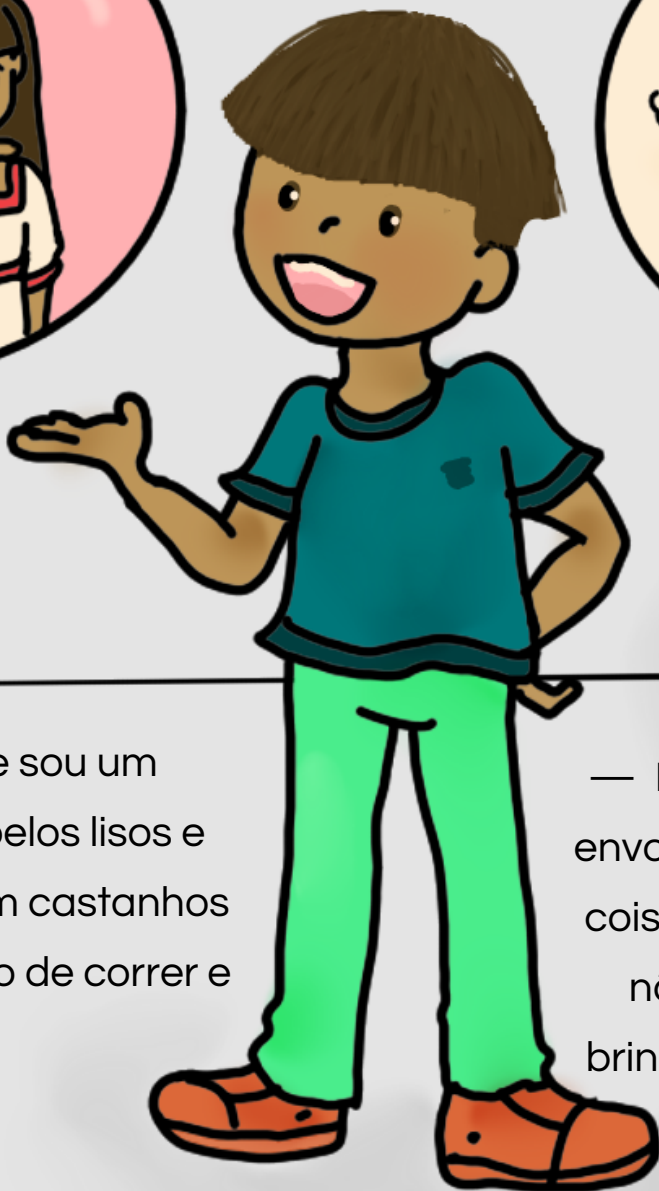
— Ayana, eu também não pareço nem com o meu papai e nem com a mamãe, mas, tenho a mesma cor, eles são pardos, por isso, tenho certeza que sou filho deles (todos riem).





— Eles me disseram que sou um menino pardo, tenho cabelos lisos e castanhos, olhos também castanhos e sou bem sapeca. Gosto de correr e brincar nos intervalos.

— Mas, quando a tarefa envolve fazer leituras, aí a coisa fica feia (risos), pois não sobra tempo pra ir brincar na rua com meus coleguinhas.





— Continuando (risos)...

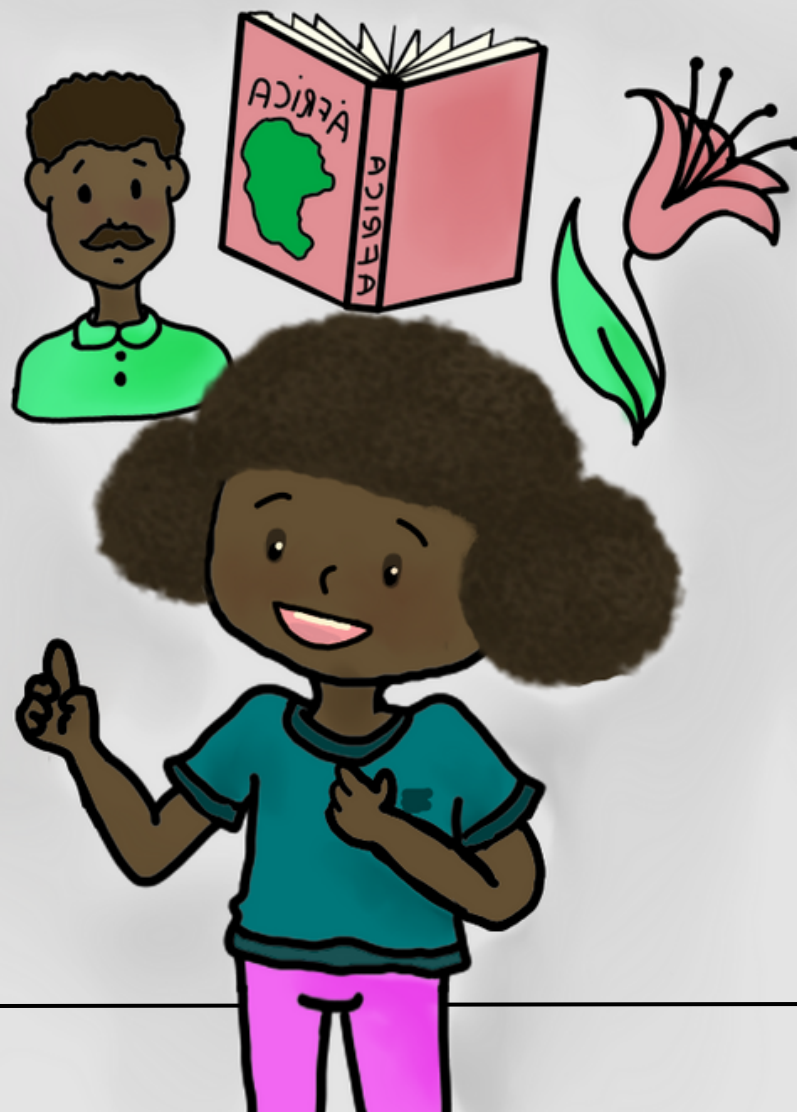
— Olha pró, ontem, eu descobri que a escolha de meu nome foi feita pelo meu tio, aquele que é irmão do meu pai.

— Tio Afonso, ele é muito legal...



— Ele compra presentes, leva a gente sempre no parque, leva para tomar banho de piscina no clube e ele queria ter uma filha mulher, porque os dois filhos dele são meninos. Daí, ele pediu para escolher o meu nome, isso quando eu estava ainda na barriga da mamãe, ele disse que o significado do meu nome é: “bela flor”. Pessoal, vocês não sabem, mas meu tio gosta muito de ler, ele tem um quarto cheio de livros, revistas, jornais. Ele ainda contou, e isso eu juro que não sabia, e achei bem emocionante, é que meus avós da parte do meu papai eram africanos. Nossa, eu fiquei um tempão parada e me perguntando: como assim africanos? O que quer dizer isso? Eles moraram em outro continente? E como vieram pra cá?

— Daí então, pedi a meu tio Afonso, algum livro que falasse da África. Ele foi até o seu quarto de livros, pegou um de história e começou a leitura ao meu lado. A história começava assim: Os primeiros seres humanos surgiram na África. As contribuições dos povos africanos estão presentes no alfabeto, na matemática, na arquitetura, nas comidas, nas danças, músicas, entre outras informações e manifestações. E eu comecei a viajar na leitura, logo depois entendi porque o meu pai era fisicamente tão diferente da minha mãe, de fato, o que isso começou a responder as curiosidades que tenho sobre meu corpo físico, agora eu quero saber mais de mim e dos povos africanos.



Ayana se calou por alguns minutos e parecia estar mergulhada num pensamento bem distante, depois ela falou:

— o que nós criamos mesmo?
Será que tudo que fazemos os africanos fizeram primeiro.

Uma pausa surgiu na fala de Ayana.

— O que houve, Ayana?
Você concluiu sua pesquisa?



— Não. Estou aqui pensando e vejo que não li nenhum livro, até agora, que fale dos africanos como pessoas que tem grandes cargos, como construtores, arquitetos, matemáticos ou grandes professores, ou ainda, falando que são bonitos e inteligentes, por que meu pai é lindo e muito sabido. Precisamos mudar isso. Não acha professora?

— Concordo, Ayana. Esse estudo em roda de conversa tem este objetivo, reconhecer nossos lugares de origem e as contribuições ancestrais.

— E acrescento, crianças, que devemos respeitar a todos e valorizar suas descobertas e criações. E ainda, dizer não ao preconceito e a discriminação.



Mas, Rudã já estava impaciente, ele queria muito falar, um pouco mais, da sua pesquisa.





— E, agora, eu posso falar professora? Preciso muito contar para vocês! Eu descobri que meus pais são indígenas, aliás, eles disseram que todas as pessoas da nossa família são povos originários, meu bisavô, tataravô etc. Estou cheio de alegria em compartilhar com os colegas o significado de meu nome “divindade do amor” e foram eles, meus pais, que escolheram.



Envolvido numa onda a alegria, de forma radiante, disse Rudã:

— Sou Rudã o menino indígena, sou fruto do amor, a própria divindade em pessoa. (Todos riram). Mas, continuou Rudã, meus pais me contaram uma coisa que me deixou assustado!! (espanto) Eles disseram que a muito tempo havia muitos de nós (povos originários) e que quando chegaram os homens brancos tudo mudou. Os “índios” foram sumindo. Alguns lutaram para ficar nas terras que viviam, mas muitos morreram. Fiquei muito triste! Papai disse que não me preocupasse, pois eu estudaria isso na escola, e ele ainda falou que é necessário respeitar o lugar do outro.

— Minha mãe falou que os negros também sofreram e foram mortos por estes invasores. Mas, já era tarde e me mandaram dormir. Professora Fernanda, como foi que tudo isso aconteceu?



— Nossa maior riqueza é a diversidade, estes homens brancos que seus pais citaram, Rudã, são os europeus, os invasores, mas, por hoje quero acrescentar que a partir destas vivências, aprendemos muito sobre o significado dos nomes e suas origens. Não só que o surgimento do primeiro ser humano ocorreu na África, mas também as contribuições indígenas, que demarcam a história da humanidade e, ainda ressalto que a educação muda a vida das pessoas, afirmou a professora.

Acrescenta a professora:

— Vamos lá crianças, o tema da aula é...

— Educação Antirracista através das descobertas dos Estudantes, com participação dos primeiros seres humanos (africanos) e dos povos originários, representados ancestralmente por Ayana e Rudã.





— Hoje vamos guardar o seguinte aprendizado: devemos respeitar a todos e necessitamos retirar da invisibilidade os povos que historicamente foram silenciados e que tanto contribuíram e contribuem para humanidade, os africanos e indígenas. Afinal, muitas descobertas ainda esperam por nós.

SOBRE A AUTORA



Geisa Martins Nogueira Costa é uma mulher branca, mãe, professora e pesquisadora. Cientista social que enxerga na educação a mudança que a sociedade tanto carece. Em suas investidas, luta por uma educação emancipadora e antirracista. Oriunda de uma família que entende o corpo como uma demarcação de território, pois, as formas de tratamento destoavam no trato dispensado entre seus familiares negros e não negros ao adentrarem espaços da sociedade. Por isso, tem dedicado na sua trajetória a propagação de saberes que rompam com a discriminação racial. Sua primeira formação acadêmica foi em 2010 - em Bacharelado em Ciências Contábeis - na Faculdade Anísio Teixeira (FAT). Tem outras formações e, atualmente em 2023 concluiu o Mestrado em Educação Científica, Inclusão e Diversidade na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e, desde então, dedica sua vida a propagar saberes que adquire ao longo de sua vida.

A história deste livro

A ideia deste livro surge, com o intuito de educar de modo a romper com estereótipos, sobre os africanos e indígenas, enraizados por tantos anos na nossa sociedade. Este ideal se materializou durante a pesquisa do mestrado, momento em que pesquisando com mais profundidade sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais e, associando aos saberes construídos o longo da minha trajetória, percebi que, através das crianças é possível propagar os ideais antirracistas. Notei que, logo nos primeiros anos educacionais, o racismo não se expressa, não está presente ações que visam a romper com relações devido a cor de pele, nem tão pouco ocorre a difusão de ações segregadoras. Então, os estudantes podem ajudar a contar a história dos nossos ancestrais e juntos espalharmos a mudança em cada família, lembrando as contribuições africanas e indígenas e assim, rememorar na vida dos adultos que circundam à vidas destas crianças (estudantes) que temos uma herança ancestral que precisa ser desmistificada, valorizada. E promover uma grande corrente que ajude a erradicar os juízos de valor que ocorrem pela demarcação da cor de pele e etnia. O bem é contagiante! A educação gera mudanças na vida das pessoas! Então, vamos educar com concepções antirracistas!

